

Informação, fontes de informação e etnoconhecimento: contribuições da Biblioteconomia para o estudo do negro no Brasil

André Luiz dos Santos Silva¹

nos dias atuais, com a crescente interdisciplinaridade e especificidade das áreas do conhecimento humano, torna-se cada vez mais necessário que o profissional bibliotecário também se especialize e direcione suas atuações para assuntos cada vez mais específicos de diversas áreas do conhecimento.

Atualmente, o termo *informação* vem sendo utilizado com grande frequência. Está constantemente presente, tanto nos vocabulários técnico-científicos, como no dia-a-dia de pessoas comuns das mais variadas classes sociais, porém, o significado dessa palavra possui significados muito diferentes para todos que a utilizam ou dela ouvem falar. Antes de introduzirmos o conceito de fontes de informação, consideramos que, para melhor entendimento, é necessário trazermos o sentido que atribuímos ao termo *informação*, assim, iniciamos apresentando alguns conceitos propostos para ele, que indicam os aspectos principais e mais pertinentes ao nosso trabalho.



¹ Bacharel em Biblioteconomia (UNIRIO), Pós-graduando em Administração de Bibliotecas / Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do IFFluminense – Quissamã.

Cunha M. B. e Cavalcanti (2008, p. 201) afirmam que informação, “na sua definição mais ampla, é uma prova que sustenta ou apoia um fato. [...] Registro de um conhecimento para utilização posterior”.

O *Dictionnaire Encyclopédique de L'information et de la Documentation* (2001, apud ROBREDO, 2003, p. 3) define informação como:

A informação é o registro de conhecimentos para sua transmissão. Essa finalidade implica que os conhecimentos sejam inscritos num suporte, objetivando sua conservação, e codificados, toda representação sendo simbólica por natureza.

No *Harrod's Librarian's Glossary of Terms Used in Librarianship, Documentation and the Book Crafts and Reference Book* (1989, apud ROBREDO, 2003, p. 3) encontra-se a seguinte definição: “Um conjunto de dados organizados de forma compreensível registrado em papel ou em outro meio e suscetível de ser comunicado”.

Claude Shannon (apud McGarry, 1999, p. 3) conceitua informação como

O que acrescenta algo a uma representação [...] Recebemos informação quando o que conhecemos se modifica. Informação é aquilo que logicamente justifica alteração ou reforço de uma representação ou estado de coisas. As representações podem ser explícitas como num mapa ou proposição, ou implícitas como no estado de atividade orientada para um objetivo do receptor.

McGarry (1999, p. 4) ao analisar os conceitos de diversos especialistas conclui que

A informação pode ser: [...] um reforço do que já se conhece; a liberdade de escolha ao selecionar uma mensagem; a matéria-prima da qual se extrai o conhecimento; aquilo que é permutado com o mundo exterior e não apenas recebido passivamente; algo que reduz a incerteza em determinada situação.

Le Coadic (1996, p. 4) enfocando o conceito de informação relacionado com a comunicação e a cognição diz que “a informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual” e acrescenta:

Um conhecimento (um saber) é o resultado do ato de conhecer, ato pelo qual o espírito apreende um objeto. Conhecer é ser capaz de formar a ideia de alguma coisa; é ter presente no espírito. Isso pode ir da simples identificação (conhecimento comum) à compreensão exata e completa dos objetos (conhecimento

científico). O saber designa um conjunto articulado e organizado de conhecimentos a partir do qual a ciência – um sistema de relações formais e experimentais – poderá originar-se.

Embora o conceito de fontes de informação seja bastante amplo, incluindo desde o mais simples objeto até uma elaborada tese de doutorado, vários tipos de produtos ou materiais capazes de conter vestígios ou sinais, podem preencher lacunas informacionais. Sendo assim, consideramos necessário trazeremos algumas definições.

Morigi e Bonotto (2004) nos trazem uma concepção que afirmam ser unânime na literatura. Fontes de informação são

[...] todos os materiais ou produtos, originais ou elaborados, que trazem notícias ou testemunhos, através dos quais se acessa o conhecimento, qualquer que seja este. [...] tudo aquilo que forneça uma notícia, uma informação ou um dado. [...] se encontram todos aqueles elementos que, submetidos à interpretação, podem transmitir conhecimento, tais como um hieróglifo, uma cerâmica, um quadro, uma partitura musical, uma fotografia, um discurso, uma tese doutoral e outros. (SAINERO, 1994, apud MORIGI; BONOTTO, 2004, p. 144).

Por esta abordagem podemos considerar que quase tudo pode constituir-se em fonte informação.

Alentejo (2006, p. 72) define fontes de informação como “modos (canais) e instrumentos que o ser humano desenvolve para sua comunicação. Sendo fonte a origem da informação e o canal, o meio pelo qual a informação é transmitida”. Quanto a natureza das fontes de informação e seus respectivos canais Alentejo (2006, p. 72) apresenta a seguinte divisão:

ORIGEM DA INFORMAÇÃO	CANAL DE COMUNICAÇÃO
VERBAL	Entrevistas, colégio invisível, palestras, cursos, atendimento em balcão de informação, telefone, eventos, debates etc.
IMPRESSA	O modo impresso ainda é o mote da produção do conhecimento humano: livros, folhetos, periódicos, obras de referência, bibliografias etc.
MULTIMEIOS	Variedade de fontes de informação onde a maioria não apresenta informações textuais.

ELETRÔNICA	As fontes são acessíveis mediante utilização de maquinário eletrônico. Bases de dados, Cd-Rom, DVD, disquetes, E-mail, Portais, Sítios na Internet, lista de discussão, jogos eletrônicos, Internet invisível, periódicos eletrônicos, livro virtual, biblioteca virtual etc.
-------------------	---

Cunha, M. B. e Cavalcanti (2008, p. 172) definem fontes de informação como

Documentos que fornecem respostas específicas e, entre suas várias espécies, encontram-se: enciclopédias, dicionários, fontes biográficas, fontes estatísticas, índices, tratados e manuais específicos.

A UNESCO (1979, apud CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, 2008, p. 172) afirma que fonte de informação é a

[...] origem física da informação, ou lugar onde pode ser encontrada. Tanto pode ser uma pessoa, como uma instituição ou um documento. As fontes podem ser primárias, secundárias ou terciárias de acordo com a natureza da informação.

Em sua grande maioria, as fontes de informação mais reconhecidas e utilizadas são as fontes bibliográficas convencionais, como livros, periódicos, monografias, dissertações e teses. Algumas dessas fontes, também já estão sendo disponibilizadas no formato eletrônico. De modo geral, podemos constatar que além das fontes bibliográficas, há um número muito maior de possibilidades, pessoas e organizações que também disponibilizam informações. As pessoas podem ser fontes de informações de si mesmas, de seu trabalho, do que fizeram ou testemunharam. Morigi e Bonotto (2004, p. 145) consideram essas pessoas como “memória viva de épocas e fatos”. Podemos acessar essas fontes diretamente, de forma oral, por meio de documentos ou pela internet (CAMPELLO, 2000). Da mesma forma que as pessoas, as organizações podem oferecer informações sobre elas mesmas, sua missão e o trabalho que desenvolvem.

Embora parte considerável da comunidade acadêmica considere pouco ortodoxas as fontes pessoais, os depoimentos, as histórias de vida, os testamentos, os objetos artísticos e artesanais, os álbuns de família, as

fotografias, as gravações sonoras, entre tantos outros suportes, estas contêm informações que, a cada dia, adquirem reconhecimento e relevância, em especial no campo das Ciências Sociais, nas áreas da Antropologia, da Sociologia, da História, do Folclore e das Artes (MORIGI; BONOTTO, 2004). Felizmente, esse quadro vem mudando e nas áreas da Biblioteconomia, da Arquivologia e da Museologia, que tratam das informações registradas nas suas mais variadas formas, as fontes não convencionais constituem-se em preciosas fontes de informações. Moran (1994, apud MORIGI; BONOTTO, 2004, p. 145) nos apresenta uma provável justificativa para essa mudança:

A racionalidade sufocou durante séculos a intuição, relegando-a a um segundo plano, sem valor. Atualmente, com a crise da racionalidade que não explica tudo - porque é reducionista - começamos a buscar apoio mais frequentemente na intuição, no não lógico, nem sequencial, nem necessariamente causal.

Ao lembrarem a Declaração de Veneza, documento final do simpósio A Ciência e as Fronteiras do Conhecimento, promovido pela UNESCO em 1995, Morigi e Bonotto (2004, p. 145-146) reforçam essa posição, afirmando que no documento constam os “prováveis princípios do novo espírito científico para o século XX”:

[...] o conhecimento corrente chegou a um ponto onde deverá tornar-se parte de outros tipos de conhecimento; a ciência e as tradições podem ser complementares, ao invés de antagônicas.

[...] a relação entre o saber científico e o saber ‘vulgar’ do cotidiano, traduz-se em sabedoria de vida. É a incorporação da subjetividade na esfera da ciência. (GUIMARÃES E SILVA, 1999, apud MORIGI; BONOTTO, 2004, p. 144).

Nesse sentido, propomos uma postura mais próxima das manifestações populares, por parte do mundo acadêmico.

Algumas questões sobre etnoconhecimento

Nesta seção, discutiremos algumas questões sobre etnoconhecimento e os entrelaçamentos possíveis entre as práticas dos profissionais de Biblioteconomia

e Educação, destacando o samba enredo enquanto fonte de informação bem como o seu caráter pedagógico de educação não-formal.

Por etnoconhecimento, entendemos o conhecimento como concebido a partir dos referenciais sócio-culturais dos diferentes grupos étnicos e culturais, que ao longo do tempo elaboram padrões que possibilitam formas específicas de ver, entender e representar o mundo.

Miranda (2009) define o etnoconhecimento como

[...] aqueles conhecimentos produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração, ordinariamente de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal. São conhecimentos dinâmicos que se encontram em constante processo de adaptação, com base numa estrutura sólida de valores, formas de vida e crenças míticas, profundamente enraizados na vida cotidiana dos povos. Podemos, então, considerar etnoconhecimento o conhecimento produzido por diferentes etnias em diferentes locais no globo terrestre a partir do saber popular. (MIRANDA, 2009)

Assim, podemos perceber o conhecimento essencialmente como uma construção social que compõem uma parte do conhecimento como um todo, rompendo com a visão eurocêntrica que marca a epistemologia e que tem corroborado para um processo de negação da própria identidade dos diversos grupos que acabam silenciados.

Sobre este processo de hierarquização de saberes e seus reflexos no sistema formal de ensino, Fernandes, Nazareth e Reis (2008) destacam que

Essa hierarquização de saberes construiu uma educação homogênea, valorizando uma ótica cultural em detrimento de outra que emerge das relações cotidianas de construção de saberes. Esse cotidiano que é classificado como senso comum, está fora da escola, é classificado como secular e não deve ser “ensinado”, pelo contrário, precisa ser combatido com as verdades propagadas pela ciência. Nesse ciclo, o educando é visto como sujeito vazio, que necessita ser preenchido com os saberes legitimados pela estrutura de poder, poder esse exercido pela intelectualidade, seja ela local, regional ou global. (FERNANDES, NAZARETH e REIS, 2008)

O descrédito com este tipo de saber inviabiliza um diálogo entre a academia, a escola e a sociedade de um modo geral, salvo as raras e mais recentes tentativas de união de saberes, possibilitadas pelas áreas denominadas de *etno* e das ainda tímidas políticas educacionais como a criação das leis 10.639/03, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"; e a lei 11.645/08 que acrescentou a obrigatoriedade do ensino da cultura e história indígena à lei 10.639, de 2003, responsável por inserir a história afro-brasileira e africana nos currículos escolares.

Para combater o processo histórico de desinformação e manipulação da informação, o profissional bibliotecário através da sistematização, organização de divulgação do etnoconhecimento, tem extraordinária importância, desde que consiga corrigir e superar barreiras epistemológicas existentes na própria formação educacional.

O modelo vigente de educação colabora para a segregação dos saberes. Isso se dá pela busca da racionalidade e da necessidade de cientificar a vida. A academia precisa sobrepor sua razão e sua metodologia em detrimento dos modelos milenares de construção do saber. Quantos dos saberes populares africanos foram perdidos, e quantos desses saberes foram submetidos às severas regras de enquadramento e perderam a sua naturalidade? Na tentativa de manter esse regime de produção, mecanismos de respostas sustentáveis, éticas, comunitárias, locais e, principalmente, coletivas, foram deixadas de lado (FERNANDES; NAZARETH; REIS, 2008).

Suaiden e Leite (2006) ao discutirem a questão do acesso à informação afirmam que

Aprender a aprender representa o passe para a sociedade da informação, e a educação ao longo da vida a construção contínua de seus conhecimentos. Esse novo conceito de educação deve permitir ao indivíduo tomar consciência de si mesmo, de seu entorno e possibilitar a cada cidadão desempenhar sua função social no mundo do trabalho e na vida pública. Mais que nunca a função essencial da educação é conferir a todos

liberdade de pensamento, de juízo, de sentimentos e de criatividade, necessárias para que seus talentos alcancem a plenitude e possam seguir sendo artífices, na medida do possível de seu destino. (SUAIDEN; LEITE, 2006. p. 100)

Fernandes, Nazareth e Reis (2008) ao analisarem a forma como a escola dialoga com as memórias africana e afro-brasileira, perceberam que nas intervenções pedagógicas, era manifesto o distanciamento do corpo docente com relação às realidades desses grupos étnicos e afirmam que:

Esse distanciamento que a educação formal apresenta dos saberes pertencentes aos grupos afro-ameríndios, colabora para segregação sócio-cultural dos sujeitos que a vivenciam e descendem desses grupos étnicos. Esse processo se estabelece através da mitificação do que é popular, da segregação da memória local e do apagamento das construções de saberes construídas historicamente. (FERNANDES; NAZARETH; REIS, 2008)

O cenário atual de fracasso da Educação Básica, representado pela repetência, evasão e formação educacional inadequada, dentre diversos outros fatores de ordem política, econômica e social, tem como um dos maiores indicadores a falta de disseminação adequada da informação.

As análises de Suaiden e Leite (2006) corroboram neste sentido ao afirmarem que

O uso indiscriminado do livro didático formou uma geração que não sabe interpretar o texto lido. Foi observado que a pesquisa escolar ficou restrita à cópia de dicionários e enciclopédias e, também que a literatura infantil e juvenil não é estimulada como deveria, quando se sabe que o interesse do estudante por este tipo de leitura deve ser despertado pelo professor e pelo bibliotecário (SUAIDEN; LEITE, 2006. p. 111).

A ausência de disseminação adequada também inclui o próprio profissional da Educação, uma vez que outro fator determinante para a não inclusão do etnoconhecimento de matrizes africanas e afro-brasileiras, de forma sistemática, na prática docente, é a carência da formação obtida durante a formação acadêmica para a docência e a inexistência de políticas institucionais que possibilitassem uma formação objetivando a ampliação da visão dos docentes sobre a diversidade étnica.

Os sistemas e programas de educação formal apenas a partir do século XXI iniciam um processo mais enfático de discussão, reformulação de currículos e práticas sobre a valorização dos aspectos históricos e culturais afro-brasileiros, sob uma perspectiva menos eurocêntrica; os registros nos mostram que as diversas agremiações e escolas de samba do Rio de Janeiro, através de seus sambas de enredo, desde a primeira metade do século XX, vêm contribuindo para a disseminação de informações sobre o etnoconhecimento de origem africana e afro-brasileira.

A partir dos sambas enredos, diversas gerações cantarolaram, dançaram, compartilharam e reviveram aspectos referentes à história, geografia, organização política e social, religiosidades, mitologia, ritos, heróis históricos ou míticos, personalidades africanas e afro-brasileiras.

A forma como os sambas de enredo são disseminados, principalmente pela mídia, o principal meio de veiculação destes registros culturais, é outra importante questão a ser levantada. Pautada pelo interesse mercadológico, a tendência é a homogeneização da cultura oferecendo uma programação mediana para os mais diferentes segmentos e camadas sociais, essa massificação acontece também com a música, inclusive os sambas de enredo. Diante disso, o bibliotecário tem que desenvolver práticas de seleção, organização e disseminação de informações encontradas nos sambas de enredo, com interesse cultural e informacional, seguindo fatores condicionantes e determinantes diferentes dos que a mídia segue, reconhecendo a música como documento e fonte de informação.

Ao analisarmos as narrativas dos sambas de enredo verificamos que, conforme afirmam Morigi e Bonotto (2004) sobre as narrativas musicais, as letras dos sambas de enredo “contêm elementos significativos que interferem no processo de aprendizagem do conhecimento social da informação”, podemos ainda ressaltar a importância das letras de sambas de enredo como fontes de informação, identificando os conteúdos relacionados a valores e sentimentos ligados às temáticas africanas e afro-brasileiras e como estas contribuem de forma positiva para a construção e valorização de memórias, dos aspectos comunitários e de organização política e social, dos ritos, da luta e resistência,

das narrativas orais, da religiosidade, das cantigas de santos, dos *oríkis*² (SANTOS, 2007), dos mantras e cantigas laborais, da arte, da beleza e das personagens míticas ou históricas.

Cabe lembrar o caráter pedagógico e de educação não formal das letras de sambas de enredo, recurso muito utilizado durante a ditadura de Getúlio Vargas, e de todas as formas de expressão que envolvem a organização e a realização dos desfiles das escolas de samba, que podem contribuir para a formação e fortalecimento de identidades positivas da população brasileira afro-descendente.

Ao utilizar os conhecimentos da área da Biblioteconomia para as questões africanas e afro-brasileiras, queremos mostrar a necessidade de tratar, organizar, preservar e disseminar as informações contidas nas letras dos sambas de enredo afros das escolas de samba do Rio de Janeiro, considerando-as como fontes de informações documentais de bens culturais africanos e afro-brasileiros enquanto etnoconhecimento.

A disseminação deste arcabouço cultural e histórico pode contribuir para a construção e reconstrução da história de africanos e afro-brasileiros, estimulando novos olhares, novas identidades e o desenvolvimento de novos estudos e pesquisas, que ampliem a compreensão sobre as relações raciais e para uma educação plural em nosso país.

² Oríkis são versos, frases ou poemas que são formados para saudar o orixá referindo-se à sua origem, suas qualidades e sua ancestralidade. Os oríkis são criados para mostrar feitos realizados por orixás, grandes líderes, caçadores, governantes, sacerdotes, reis, rainhas e todas as pessoas, em que em um passado distante ou recente fizeram algo de importante para a comunidade.

REFERÊNCIAS

ALENTEJO, Eduardo da Silva. **[Bibliografia I e II]**. 2006. 104 p. Apostila.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Encontros científicos. In: **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 55-71.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Local: Editora, 1998.

CUNHA, Leo. Literatura infantil e juvenil. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra; MACEDO, Vera Amália Amarante (Orgs.). **Formas e expressões do conhecimento**: introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998. p. 60-68.

CUNHA, Murilo Bastos; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

FERNANDES, Ricardo Luiz da Silva; NAZARETH, Henrique Dias Gomes, REIS, Maria Amélia Gomes de Souza. Negritudes e aprendizagem cotidiana. **Revista África e Africanidades**. Ano I - n. 3 - Nov. 2008. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Negritudes_e_aprendizagem.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2010.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. **Revista África e Africanidades**. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, fev. 2009. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/A_organizacao_do_etnoconhecimento.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2010.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Marta E. K. Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/revistaemquestao/article/view/3655/3445>>. Acesso em: 16 jan. 2010.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília, DF: Thesaurus; SSRR Informações, 2003.

SANTOS, Nágila Oliveira dos. Oríkis: entre oralidade, poesia, tradição e religiosidade. In: Encontro de Professores de Literaturas Africanas: pensando África: crítica, ensino e pesquisa, 3.. 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. 1 CD-ROM.



Revista África e Africanidades - Ano 7 – n.19, abr. 2015 – ISSN 1983-2354
www.africaeafricanidades.com.br

SUAIDEN, E. J.; LEITE, C. Dimensão social do conhecimento. In: TARAPANOFF, K. (Org.) **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília, DF: Ibict; Unesco, 2006. p. 99-114.